

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS

JAQUELINE RIBEIRO DE FARIA

**REVISITANDO A TRADIÇÃO DA MALANDRAGEM EM *O SOL NA CABEÇA*, DE
GEOVANI MARTINS**

TAUBATÉ – SP
2021

JAQUELINE RIBEIRO DE FARIA

**REVISITANDO A TRADIÇÃO DA MALANDRAGEM EM *O SOL NA CABEÇA*, DE
GEOVANI MARTINS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção da licenciatura em Letras.
Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

TAUBATÉ – SP
2021

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

F224r Faria, Jaqueline Ribeiro de
Revisitando a tradição da malandragem em o sol na cabeça, de
Geovani Martins / Jaqueline Ribeiro de Faria. –2021.
30 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2021.

Orientação: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa, Departamento
de Ciências Sociais e Letras.

1. Martins, Geovani, 1991- Crítica e interpretação. 2. Tradição
da malandragem. 3. Dialética da marginalidade. 4. Identidade
brasileira. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências
Sociais e Letras. Curso de Letras. II. Título.

CDD – 869

FARIA, Jaqueline Ribeiro. **Revisitando a tradição da malandragem em *O sol na cabeça*, de Geovani Martins**. Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, para obtenção do título de licenciada em Letras. Área de concentração: literatura e linguagens.

APROVADA EM ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa (orientador)

Prof. Dra. Vera Batalha de Siqueira Renda

Prof. Ma. Thaís Travassos

“Dedico este trabalho ao meu pai e a minha mãe, pelo apoio dado para o complemento de mais uma etapa em minha vida.”

Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao meu orientador, Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvea, por toda a paciência e ajuda não somente com este trabalho mas também durante todos os anos de curso.

Às professoras Dra. Vera Batalha de Siqueira Renda e Ma. Thaís Travassos por terem aceitado compor a banca de defesa deste trabalho.

À minha família: meus pais, por todo amor e toda dedicação dispensados para que eu chegasse até a faculdade, além de todos os livros que leram para mim, pelas histórias contadas que me fizeram ter escolhido estudar Letras.

Agradeço também aos demais professores que contribuíram para minha formação como aluna e como pessoa. Sempre dispostos a ensinar e também a aprender, tornaram-se meus exemplos.

Aos meus amigos por serem sempre bons ouvintes e conselheiros. E a todos que de alguma forma fizeram parte da minha jornada acadêmica.

“A melhor maneira de prever o futuro é
criá-lo.”

Peter Ferdinand Drucker.

Resumo

O tema da presente monografia é a caracterização da identidade brasileira na literatura contemporânea. Tomaremos como objeto de estudo a obra *O sol na cabeça*, de Geovani Martins. Como perguntas de pesquisa, temos: na obra proposta, as personagens não são caracterizadas como vítimas? As personagens são vistas como pertencentes a um universo sem culpabilidade? Os objetivos desta pesquisa são: apresentar um apanhado teórico-crítico acerca do universo malandro na cultura e, mais particularmente, na literatura brasileira; apresentar a obra *O sol na cabeça*, de Geovani Martins e estabelecer um estudo crítico para caracterizar essas questões na referida obra. Tal pesquisa tem por justificativa elucidar o modo de tratamento do tema numa obra da contemporaneidade. Discutir nossa identidade, tanto de modo amplo como de modo particular, é umas das tarefas mais prementes das ciências humanas no Brasil. Tudo isso pode contribuir para uma maior qualidade de leitura crítica da obra por alunos do Ensino Superior e Médio e também por professores. A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica de viés qualitativo. A fundamentação teórica se ancora em autores como Candido (1984), entre outros citados no decorrer do trabalho.

Palavras-chave: *O sol na cabeça*. Geovani Martins. Tradição da malandragem. Dialética da marginalidade. Identidade brasileira.

Abstract

The theme of this monograph is the characterization of Brazilian identity in contemporary literature. We will take as a study object the work *O sol na abeça*, by Geovani Martins. As research questions, we have: in the proposed work, are the characters not characterized as victims? Are the characters seen as belonging to a universe without guilt? The objectives of this research are: to present a theoretical and critical overview about the rascal universe in culture and, more particularly, in Brazilian literature; present the work *O sol na cabeça*, by Geovani Martins and establish a critical study to characterize these issues in that work. Such research has as justification to elucidate the way of dealing with the theme in a contemporary work. Discussing our identity, both broadly and privately, is one of the most pressing tasks of the humanities in Brazil. All of this can contribute to a higher quality of critical reading of the work by students of Higher and High Education and also by teachers. The methodology to be used will be that of bibliographic research with qualitative bias. The theoretical foundation is anchored in authors, such as Candido (1984), among others cited in the course of the work.

Key-words: The sun in the head. Geovani Martins. Trickster tradition. Dialectic of marginality. Brazilian identity.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1	A origem do malandro	13
2.2	Humanização do malandro.....	16
3	CULTURA DA MALANDRAGEM.....	17
4	O SOL NA CABEÇA	20
4.1	Rolézim	20
4.2	Espiral.....	22
5	REFLEXOS DA MALANDRAGEM NA CULTURA BRASILEIRA	25
6	CONCLUSÃO	27
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
8	REFERÊNCIAS CONSULTADAS	29

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é a caracterização da identidade brasileira na literatura contemporânea.

As literaturas nacionais, de modo geral, trazem perspectivas atreladas à origem do país, ao seu povo e à sua sociedade. Podemos caracterizar, ainda *grosso modo*, as literaturas nacionais de acordo com o estágio dessas sociedades e de sua economia. Assim, podemos falar em literaturas de primeiro mundo, ou literaturas centrais, e literaturas de terceiro mundo, ou literaturas periféricas.

O processo histórico é determinante tanto para a economia quanto para a cultura de um país. Por exemplo, o processo de colonização pelo qual se passou marcará profundamente as produções culturais dessas sociedades.

Além dos temas recorrentes, temas que se visitam constantemente, temos também um eixo temático a que podemos chamar um vetor temático, que, quase normalmente, traz à tona a própria constituição de seu povo, de sua cultura, os nós centrais dessa sociedade e história, às vezes mostrando conformação, às vezes mostrando tensão.

Um dos vetores temáticos da literatura brasileira é a apresentação do homem e da terra. Desde o processo de formação da literatura brasileira até a contemporaneidade esse vetor parece se impor como central.

Desde os primeiros documentos, a tarefa ingente era a de apresentar o homem e a terra para a matriz. Não é outra coisa o que se vê no documento (não necessariamente literário) de Pero Vaz de Caminha, *A carta sobre o achamento do Brasil*. Na sequência, para tomar apenas alguns dos mais importantes textos da cultura brasileira, vemos essa apresentação do homem e da terra na poesia de Gregório de Matos Guerra, sob seu olhar eurocêntrico e ressentido da perda das regalias do Antigo Regime em terras tupiniquins.

A apresentação da terra e do homem também está presente, de maneira transfigurada, na poesia árcade e na tímida literatura ilustrada dos inconfidentes mineiros, como, por exemplo, em *Cartas chilenas* (CANDIDO, 1970).

Na sequência, boa parte da literatura romântica elegeu como representante do homem brasileiro o indígena e, por meio de longas descrições, apresentava a terra, recobrando uma ausência iconográfica (pintura) por meio de uma fanopeia cerrada. Do indianismo ao sertanismo, vemos agora outro homem eleito como representante da identidade brasileira, abrindo-se outros espaços geográficos. Vale lembrar o projeto literário de José de Alencar de mapear a terra e o homem, no passado e num relativo presente contemporâneo dele.

Paralelamente, temos uma obra razoavelmente atemporal, que inicia, na literatura brasileira, uma tradição da malandragem, que é *Memórias de um sargento de milícias*, sobre o qual falaremos no primeiro capítulo.

É interessante notar que até *Memórias de um sargento de milícias* não está muito clara outra dicotomização espacial (a terra), que envolve o campo e a cidade.

Machado de Assis, urbano, pinta personagens urbanos, observando, de maneira aguda, parte da sociedade brasileira constituída, a classe média alta, revelando-nos suas instituições e seus vícios. Isso não deixa de ser também uma apresentação do homem e da terra.

Tudo o que se produziu no período compreendido como Pré-modernismo não faz mais do que apresentar algumas das diversas realidades regionais brasileiras, como o que se encontra nas obras de Simão Lopes Neto, Graça Aranha, Monteiro Lobato etc. Aqui, já começamos a encontrar, por conta da imigração, um homem miscigenado, tanto quanto os mestiços de Euclides da Cunha.

O chamado nacionalismo crítico do primeiro momento modernista também investe, entre homens urbanos e rurais, na questão da identidade brasileira, como é o caso de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, de *Serafim Ponte-Grande*, de Oswald de Andrade, e de *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia.

O neorrealismo brasileiro que atende pelo nome de romance regionalista da segunda geração do Modernismo revisita o vetor temático de apresentação do homem e da terra e mesmo a terceira geração modernista, já no nosso incipiente Pós-modernismo, não deixam de apresentar o homem e a terra, como nas obras de Guimarães Rosa e na peça *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

A monumentabilidade da obra de Guimarães Rosa, seus concomitantes regionalismo e universalismo, a inovação temática e investigativa do humano de Clarice Lispector, a prosa humanista-intimista de Lúcio Cardoso, entre outros marcam uma abertura nesse vetor temático, superando-o. Mas esse vetor continua a dar seus frutos, agora com predominância das ações no espaço geográfico das cidades, e vez ou outra sentimos a sombra desse vetor alentar representações das diversas identidades brasileiras.

Assim, nesta monografia, tomaremos como **objeto de estudo** a obra *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, habitante do Rio de Janeiro, que vasa numa linguagem contemporânea, brasileira e oral, contos cujas personagens são, em sua maioria, moradores da periferia da cidade maravilhosa.

Como perguntas de pesquisa, temos: na obra proposta, as personagens não são caracterizadas como vítimas? As personagens são vistas como pertencentes a um universo sem culpabilidade?

Os objetivos desta pesquisa são: apresentar um apanhado teórico-crítico acerca do universo malandro na cultura e, mais particularmente, na literatura brasileira; apresentar a obra *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, e estabelecer um estudo crítico para caracterizar essas questões na referida obra.

Tal pesquisa tem por justificativa elucidar o modo de tratamento do tema numa obra da contemporaneidade. Discutir nossa identidade, tanto de modo amplo como de modo particular, é umas das tarefas mais prementes das ciências humanas no Brasil. Tudo isso pode contribuir para uma maior qualidade de leitura crítica da obra por alunos do Ensino

Superior e Médio e também por professores.

A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica de viés qualitativo. A fundamentação teórica se ancora em autores, como Cândido (1970), Rocha (2010), entre outros.

No primeiro capítulo, falaremos sobre do retrato da malandragem na literatura brasileira desde seus primórdios até a nossa contemporaneidade, passando por personagens marcantes e importantes na construção de tal estereótipo. No segundo capítulo, abordaremos a Dialética da Malandragem.

Já em um terceiro momento, abordaremos a obra *O sol na cabeça* e os traços da malandragem.

Por fim, no quarto capítulo, dissecaremos os personagens representados na obra e mostraremos como eles se encaixam nas questões da cultura do malandro brasileiro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um dos mais recorrentes estereótipos brasileiros é a figura do malandro, figura essa que parece enraizada em nossa cultura como nação. Como primeiro representante na nossa literatura, há Leonardo, de *Memórias de um sargento de milícias*. A representação da malandragem persiste até a contemporaneidade, sendo retratada nas mais diversas obras, inclusive, cinematográficas. Neste capítulo, abordaremos mais a fundo a figura do malandro dentro dessa cultura.

2.1 A origem do malandro

Manuel Antônio de Almeida escreveu, ainda jovem, a obra *Memórias de um sargento de milícias*, que é seu único romance (1852), considerado um marco literário, que mostra a rotina do Rio de Janeiro no início do século 19, e introduz na literatura brasileira o personagem do malandro.

Num primeiro momento, a obra começou a ser veiculada em capítulos publicados semanalmente. Esses capítulos apareceram sem autoria até que saísse a edição em livro. O pseudônimo utilizado pelo autor era “Um Brasileiro” e tinha a finalidade de marcar que não se tratava de um autor estrangeiro, uma vez que era comum na época a publicação de traduções, porém ainda mantendo o anonimato do autor.

Muito se discutiu sobre a obra ter como referência a picaresca espanhola e, com isso, Antônio Cândido instaura a *dialética da malandragem*. A crítica considera essa obra como uma produção que valoriza e torna pública a cultura brasileira, assim algumas classificações foram levantadas, como: romance de costumes, precursora do realismo literário, antecipadora do modernismo, filiada à novela picaresca espanhola, traços do romance histórico do romantismo. Afirma Veríssimo (1954) que ficaria embaraçado se houvesse de classificar esse romance em uma das escolas em que se dividem as concepções e as maneiras literárias.

Desse modo, críticos como José Veríssimo, Mário de Andrade, Antonio Candido, entre outros, indicam na obra uma provável identidade do malandro brasileiro. A dialética da ordem e da desordem e a identidade pessoal e nacional é bem rica na obra. Por meio *Memórias* trazem o dinamismo do histórico e reconhecem a veia documental presente na narrativa acerca de alguns aspectos do tempo do rei. Como dito anteriormente, a história se passa no começo do século XIX, ocasião em que a família real portuguesa se refugiou no Brasil. Por isso, o romance tem início com a expressão “Era no tempo do rei”, referindo-se ao rei português Dom João VI. O romance *Memórias de um sargento de milícias* apresenta a conformidade com os costumes e comportamentos, lugares e personagens da época com destaque para a figura do malandro.

Um fato sobre a imagem do brasileiro é que este quase sempre será associado à imagem

da malandragem. Mesmo que, em alguns casos haja um tom pejorativo, quem nasce aqui parece estar destinado ao estereótipo do malandro. Essa figura está representada em diversos veículos, não somente na literatura, mas também nas produções cinematográficas (*Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*, por exemplo). E esse personagem de caráter duvidoso, meio vilão, acaba por conquistar certa simpatia e afeição do público.

Vemos aqui o que é esse personagem: por mais que sua conduta seja repugnante e sua trajetória cheia de percalços, ele inspira heroísmo e admiração. Outra questão relevante é o fato de que muitos brasileiros não lutam contra esse conceito atribuído ao nosso povo, por mais que, além das fronteiras, essa fama tome proporções inversas e depreciativas. E ainda mais do que isso, uma parte da população acaba contribuindo para o fortalecimento deste que, na teoria, seria um indesejável rótulo.

Os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa, porém, nenhuma uniformidade. O homem se adaptou ao meio ambiente e criou modos de vida diferentes. A urbanização contribuiu para uniformizar os brasileiros, sem eliminar suas diferenças. Fala-se em todo o país uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais. Mais do que uma simples etnia, o Brasil é um povo nação, assentado num território próprio para nele viver seu destino (RIBEIRO, 1995, p. 21).

O autor Antônio Cândido faz uma interpretação da obra *Memórias de um sargento de milícias*, instaurando a dialética da malandragem, que refuta a tese anterior de que a obra poderia ser filiada à picaresca espanhola, e isso acaba gerando uma nova interpretação: o romance malandro, ou seja, Manuel Antônio de Almeida, ao criar Leonardo, estaria criando o primeiro personagem malandro da literatura nacional. Desse modo, para relacionar a personagem com heróis picarescos, é necessário falar um pouco sobre o conceito de pícaro. Segundo o dicionário Houaiss, o pícaro é “esperto – trapaceiro”, características pertencentes ao personagem Leonardo. Apesar de Leonardo ter essas atribuições, ele não é um herói picaresco, mas é possível relacioná-lo com os mesmos. Cândido (1970) fala:

Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca do seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* (CÂNDIDO, 1970, p. 71).

O pícaro é qualificado como um personagem de condição social humilde, sem ocupação certa, vivendo de expedientes, ele sobe na vida passando por cima das outras pessoas. Leonardo não é o pícaro saído desta tradição espanhola, mas tem relações com o mesmo, uma vez que suas características são muito similares. De acordo com Barbosa e Rodrigues (2000):

O nome da personagem principal, Pícaro, segundo teoria de Covarrubias, vem de Picardia, região da França, onde proliferam vagabundos e aventureiros, muitos dos quais passaram para a Espanha. Outros acreditam que deriva de “picar” (tomar daqui e dali), a que estavam acostumados os ajudantes de cozinha [...] (p. 52).

A personagem Leonardo tem algumas dessas atribuições, mas sempre com astúcia, entretanto sem a intenção de prejudicar ninguém. Na realidade, ele não é o pícaro, pois segundo Cândido, na “Dialética da malandragem” ele “nada aprende com a experiência” (1970, p. 23). O protagonista sempre está metido em algum tipo de confusão e nunca aprende com as suas experiências, condição essencial do pícaro. Mesmo ao nascer já começaram os infortúnios. Segundo Almeida (1997):

Digamos unicamente que durante todo esse tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta [...] logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha a mão (p. 16).

Em determinada parte da obra, com a personagem já rapazote, veio a primeira noite fora de casa, ele consegue com suas travessuras encabular a todos que o cercam. A desculpa para as travessuras da personagem não pode ser a realidade da vida, pois apesar de o garoto ter nascido e ter sido deixado pelos pais, logo cedo tem o padrinho e a madrinha que o recebem muito bem e o acolhem com todo o carinho. O que podemos notar é que ele é malandro e, desde cedo, já se mostra assim.

O contato com a realidade dura e cruel é que faz do pícaro um personagem revoltado, e o leva a aprender malandragens para sobreviver. Leonardo tem de tudo, todos o protegem, logo ele não tem razão para ser como é, a não ser por uma razão interna, uma falha congênita do seu caráter. (MILHOMEM; SANTANA; LEMES, 2010, p. 27).

As atribuições para um pícaro nascido da tradição espanhola é a figura de um bom moço que se transforma de acordo com as circunstâncias da vida, ele aprende as picardias para a sua sobrevivência. Não é possível concluir que a obra seja um romance picaresco, porém há algumas semelhanças do Leonardo com os heróis picarescos, dentre elas a boemia. A facilidade com que ele se apaixona por diversas mulheres na obra é traço do pícaro. O protagonista é a figura perfeita do homem popular com suas inconstâncias e o famoso “jeitinho brasileiro”.

Personagens pícaros são, em sua maioria, sempre amáveis e risonhos, apesar da vida dura e de inúmeras atividades atribuídas a sua condição social, e isto aproxima a personagem Leonardo deles. Na obra, Leonardo pratica suas malandragens, mas nunca intencionalmente, ele não se mostra mal, somente faz as malandragens para alcançar seus objetivos, o autor quis mostrar imparcialmente os costumes da época, o que mostra é a questão do malandro sempre se dando bem, às vezes sem a intenção.

2.2 Humanização do malandro

Em *Memórias de um sargento de milícias*, esta característica acaba sendo reforçada ao longo da narrativa. Mais do que os problemas que Leonardo enfrentava com a vizinhança e com sua família, o narrador sempre volta a falar de histórias envolvendo mulheres. A certa altura, o personagem é tratado como um “eterno apaixonado”, como é visto no trecho a seguir.

Decididamente estava apaixonado por esta última. O leitor não deve se admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que Leonardo herdara de seu pai aquela grande cópia de fluído amoroso que era a sua principal característica (ALMEIDA, 2000, p. 246).

Na passagem acima, o autor faz alusão à “teoria dos humores”, um princípio médico que afirmava que toda pessoa carregava dentro de si uma substância que justificava seu comportamento. Desse modo, Leonardo seria um “eterno apaixonado”, como o próprio pai. Outras passagens sugerem que seja este lado apaixonado o que pode ter sua contribuição no improvável carisma do anti-herói, já que boa parte de suas aventuras pelo Rio de Janeiro é acompanhada de alguma jornada em busca de alguma paixão.

É uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos afetos; porém não é também pequena desventura o cairmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem deveras. O Leonardo podia dar a prova desta última verdade (ALMEIDA, 2000, p. 285).

Além das jornadas amorosas, outra situação que aparece com destaque são as virtudes dos personagens. Ao longo da narrativa, são evidenciados aspectos positivos do duvidoso caráter protagonista.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero este sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objeto dele (ALMEIDA, 2000, p. 283).

Esta certa generosidade faz com que o leitor deixe o passado duvidoso do personagem em segundo plano, mostrando que uma narrativa que apresenta aspectos positivos de um anti-herói pode contribuir para sua aceitação.

3 CULTURA DA MALANDRAGEM

Antes de iniciar a análise, é importante retornar à definição de Candido de malandragem, para que, no decorrer deste trabalho, seja possível compreender os elementos de transição apontados por Rocha e as manifestações ou mudanças nas narrativas recentemente publicadas por Geovani Martins. Segundo Candido, Leonardo Pataca (filho), ou “Leonardinho” (protagonista do romance *Memórias de um sargento de milícias*),

O primeiro grande gangster a entrar no mundo do romance brasileiro veio de tradição quase folclórica, e se adaptou mais do que o normal à certa comédia e atmosfera pop que ele vivia no Brasil naquela época. O mentiroso é um aventureiro perspicaz, comum em todo o folclore. De fato, notamos que Leonardo também expressou seu amor pelo próprio jogo praticando astutamente (mesmo que o objetivo seja tirá-lo de problemas) (CANDIDO, 1970, p. 4).

Candido (1970) retrata Leonardo como um personagem de baixo nível, que usa a astúcia para seu próprio benefício. O protagonista criado por Manuel Antônio de Almeida transita entre dois polos: o da desordem e o da ordem, ou seja, o do desequilíbrio e o do equilíbrio. Essa oscilação é para atender as necessidades individuais da personagem. Ele não tem instinto coletivo, nem mesmo respeito pelo padrinho, que lhe deu grande proteção ao longo da narrativa. Outra característica interessante do personagem é que ele usa o pensamento astuto para identificar situações perigosas e, nele, ele sucumbe aos jogos sociais e aceita a ordem extrema, quando lhe convém. Nessa jornada, Leonardo alternou entre diferentes classes sociais, e finalmente percebeu a mudança desejada, ou seja, foi promovido socialmente: finalmente casou-se com Luisinha, foi promovido ao exército, se aposentou e, por fim, foi um legado invejável.

Por meio dessa interpretação, Cândido (1970) define uma estratégia metodológica em que conecta a realidade histórica com a “correlação de formas”, ou seja, “o ritmo geral da sociedade brasileira na primeira metade do século XIX” centrada no romance. “A formalização estética” suprimiu a escravidão e a classe dominante. Entre eles, “a defesa da ordem e da desordem é um princípio geral, que organiza profundamente dados reais e fictícios” (SCHWARZ, 1987, p. 133). A referida generalidade também participou de duas séries, a da realidade e a da ficção, que encontraram terreno comum na primeira série. “Portanto, dados fictícios não são derivados diretamente de dados reais, nem são pré-requisitos para a realidade ilusória em dados fictícios” (SCHWARZ, 1987, p. 133). Para serem eficazes, “princípios de mediação” ocultos são necessários, mas eles constituem o trabalho e organizam ou esclarecem as duas séries. No entanto, a imagem ainda parece incompleta.

Em relação às memórias, a intuição do movimento histórico não é tudo. Alternase com outra sequência de estilos, voltada para arquétipos populares astutos. A tensão entre essas duas linhas é característica deste livro e constitui apropriadamente a dialética dos truques: a suspensão de conflitos históricos exatos por uma sabedoria de sobrevivência universal, que não os internaliza, nem tem fé ou arrependimento (SCHWARZ, 1987, p. 133).

Este mundo sem convicção ou arrependimento, isto é, um mundo de inocência, sem conflito, é o centro de substituição de uma dialética por outra. Portanto, ao discutir o surgimento de “novas” dialéticas, Rocha (2007) abordou a teoria do sucesso de Candido. Para Rocha (2007):

Tal trânsito entre esferas opostas representa a metáfora da formação consolidada pelo acordo mais do que pela ruptura; uma formação social baseada em uma atitude pacificadora “deixa disso” em vez de conflitante. Ao final, o desejo por cooptação também define o malandro. No fundo, como Candido deixa claro, o malandro aguarda ser finalmente absorvido pelo polo convencionalmente positivo (ROCHA, 2007, p. 33).

Para essa leitura que discute a transformação contemporânea dos modelos sociais, é necessário também estabelecer o que se chama de “dialética da malandragem”. Trata-se de “um fenômeno ocorrido nos últimos anos, cujas consequências não foram totalmente avaliadas porque ainda se encontra em pleno desenvolvimento” (ROCHA, 2007, p. 31). Ele vai “mudar completamente a imagem da cultura brasileira no exterior e a autoimagem mantida pelos brasileiros”. Essas mudanças devem-se, em primeiro lugar, à oposição ao “silêncio” anteriormente observado e proposto pela literatura “marginal”.

[. . .] a “dialética da malandragem” está sendo parcialmente substituída ou, diretamente desafiada pela “dialética da marginalidade”, a qual está principalmente fundada no princípio da superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez da sua ocultação [. . .] (ROCHA, 2007, p. 33- 36).

Na “dialética da malandragem”, os malandros resolvem problemas de desigualdade, participando de jogos. O opressor concorda sem exagero quando é necessário atingir seus objetivos. Em seguida, consolida a posição no polo dos jogos sociais, correspondendo ao padrão estrutural na história do país.

[. . .] “dialética da malandragem” pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais. Não se trata mais de conciliar diferenças, mas de evidenciá-las, recusando-se a improvável promessa de meio-termo entre o pequeno círculo dos donos do poder e o crescente universo dos excluídos (ROCHA, 2007, p. 56).

Nesse sentido, antes de prosseguir, é necessário discutir as possíveis ambiguidades do termo, que caracterizam os indivíduos marginalizados na sociedade pelas condições sociais, quanto aqueles que são considerados criminosos. Em muitos casos, a definição pode ser atribuída à mesma pessoa. No entanto, o termo não deve ser usado apenas de forma depreciativa, reduzindo assim os cidadãos socialmente (escritores) que retratam este ambiente. O movimento, como Rocha (2007) apontou, é novo e precisa ser discutido e avaliado. Portanto, sua fórmula e o pensamento crítico resultante é essencial para definir os parâmetros justos da crítica. Esses trabalhos aparecem abundantemente neste nicho social de mercado, respeitando e consolidando este novo gênero da literatura brasileira.

Portanto, a literatura marginal parece ser objeto de resistência dos sujeitos sociais oprimidos, mas não da perspectiva de autores que estão fora dessa faixa (como Clarice Lispector), que relata a desgraça de Macabéa, em *A hora da estrela* (1977), ou Graciliano Ramos, narrando o conto de Fabiano e Sinhá Vitória, que percorre o sertão nordestino em *Vidas secas* (1938). Isto é, suprima-se para expressar sua própria história e a história de sua comunidade: “Definição de melhores práticas chamada de ‘dialética da malandragem’ para controlar a imagem e se expressar com o próprio som” (ROCHA, 2007, p. 50).

Nessa perspectiva, o recém-chegado Giovanni Martins, nascido e criado em uma favela perto de Bangu, no Rio de Janeiro, se encaixa bem. O jovem escritor costumava ser “pensionista”, garçom de lanchonete e em *buffet* infantil antes de se dedicar à escrita. Ele contou sua história para a comunidade e parece ter quebrado o estereótipo nos últimos anos. Estamos acostumados a ser leitores: homens, brancos, escritores de classe média/alta, universitários (principalmente jornalistas).

Se um malandro como Leonardo Pataca vive para seu próprio benefício, aparecendo a literatura marginal que é um instinto coletivo. Por exemplo, Schwarz (1987) não aponta para a “imparcialidade” do autor das *Memórias de um sargento de milícias*. (SCHWARZ, 1987,p.152).

Um dos aspectos que Rocha (2007) apontou nos produtos periféricos contemporâneos é a existência que abriga não apenas o individual, mas também o coletivo: “A característica coletiva da experiência literária e artística é uma das características definidoras das “expressões dialéticas marginalizadas” (ROCHA, 2007, p. 41). Surge na forma de diferentes narradores entre histórias e desejos, com diferentes perspectivas, analisando o ambiente com o qual estão familiarizados.

4 O SOL NA CABEÇA

Neste capítulo são descritos os contos “Rolézim” e “Espiral” do livro *O sol na cabeça*, abordando a malandragem de forma distinta.

4.1 Rolézim

“Rolézim” é um conto que abre o acervo. Conta um dia da vida dos jovens moradores dessa favela em primeira pessoa. Não há definição de nome, idade ou características, o que significa que muitas pessoas são anônimas. O clima é sufocante, o calor do Rio de Janeiro penetra nas veias dos leitores, as condições de residência do narrador, a situação dolorosa do transporte público e os preconceitos dos jovens perseguidos pela polícia os enojam, simplesmente porque estão em situações e momentos errados.

Nós tava tranquilão andando quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente. Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu de porrada (MARTINS, 2018, p. 15).

É perceptível que o narrador conta sua história na primeira pessoa a um interlocutor, que é referido apenas como “irmão”, “menó”, ou em outro momento da narração, como “Tú”, este é um indicador verbal claro. Na história, sob orientação de um grupo de adolescentes que saem da favela para ir à praia em algum momento do verão, fica visível a intenção de discutir questões relacionadas ao comportamento policial em relação aos moradores da favela e também em relação ao uso de drogas. Para evitar os arrastões, a polícia do Rio de Janeiro deteve o grupo, mas se juntou a quaisquer outros grupos suspeitos, independentemente de terem cometido vandalismo ou não. Para o autor, o relato é uma sugestão e análise de possíveis comportamentos suspeitos e consumo de grandes quantidades de entorpecentes:

Nunca cherei. Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou pra queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. [. . .] Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló [ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. [. . .] Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota (MARTINS, 2018, p. 10-11).

Por outro lado, para os leitores, representa uma amostra do cotidiano de um jovem morador de favela que não recorre ao crime, embora não tenha trabalho e esteja em

constante privação. Além de expressar amor e carinho pela família, o narrador também está atento às regras do meio em que vive. Este leitor tem uma relação voyeurística com os textos literários. Rocha destacou que este é um dos principais aspectos para as vendas da literatura.

[. . .] desejamos “experimentar” o chamado “mundo bandido”, mas desde que protegidos no interior de carros blindados e condomínios de luxo cercados por autênticas muralhas medievais. [. . .] No fundo, queremos é testemunhar [. . .] as histórias das vidas dos excluídos, retornando, porém, ao conforto de lares burgueses (ROCHA, 2007, p. 46).

Martins (2018) humaniza o narrador ao mostrar um menino comum, que vai à praia para fugir do calor escaldante do Rio de Janeiro sem a intenção de roubar os cidadãos da cidade maravilhosa ou turistas. Isso não quer dizer que Martins exclua a violência e o crime da narrativa: ele coloca em cena outros jovens “de menó” que praticam diversos delitos. Por outro lado, mostrou “queima de arquivos” na praia e expôs a atitude corrupta e autoritária da polícia:

Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a era pra gringo, pros playboy, sei lá. Sei que é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é (MARTINS, 2018, p. 12).

Também é importante destacar e apontar um dos traços mais distintivos da história: o narrador protagonista usa a expressão oral na escrita de sua obra (como relato durante o diálogo com seu interlocutor silencioso). Nos trechos a seguir, é possível observar a existência de uma linguagem com diversas gírias do cotidiano das favelas, o que obriga o leitor a interpretar seu significado para melhor compreender a história.

Ao longo do processo da literatura brasileira, situação semelhante ocorreu na escrita de autores “regionalistas”, que, na maioria das vezes, são considerados criadores menores, porque se desviaram das práticas culturais e “escaparam” do contexto universal, especializando-se na narrativa regional.

Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco. Até então tava geral na merma meta: duro, sem maconha e querendo curtir uma praia. A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô é que ele queria ficar morgando em casa invés de ir com nós (MARTINS, 2018, p. 9-10).

Se, antes, era necessário utilizar uma versão com vocabulário para compreender a escrita e os conselhos literários regionalistas, que fez, por exemplo, que a obra do escritor Simões Lopes Neto fosse conhecida nacionalmente. “O mundo digital” facilitou o acesso aos textos, reduzindo as barreiras e estabelecendo assim o diálogo entre autores e leitores.

Nesse sentido, é fundamental que, na contemporaneidade, principalmente em culturas da malandragem, esse tipo de comunicação entre o autor e o público seja notório e até mesmo incentivado, evidenciando sentimentos positivos sobre questões de identidade que foram resolvidas através do preconceito negativo dentro da comunidade.

O encontro de pessoas em espaços e tempos inesperados implica a afirmação de uma identidade outra, na medida em que significa se separar de uma identidade submissa ligada a corpos pensados apenas como mão de obra com horários estipulados, como se espera que seja um habitante da periferia. [...] um trabalho de valorização e ressignificação das identidades periféricas pensadas não mais desde uma cadeia discursiva que as faz cair em estatísticas negativas, mas a partir de sua cultura e história (TENNINNA, 2019, p. 111).

Porém, a exposição da mídia à “linguagem” singular excluída não reduziu seu papel no processo de estruturação do texto, e ainda como forma de tolerância, mas também como a persistência do laço comunicacional em torno da organização da ação da transmissão oral da cultura da malandragem (ROCHA, 2007).

Portanto, a marcação oral é um aspecto importante da escrita contemporânea, especialmente na literatura marginal, porque o uso da marcação oral tem um certo significado, e então não deve ser ignorada, muito menos pelos críticos especializados.

No final do conto, após ser “encostado” pela polícia, o narrador decide fugir “Passei mal, papo reto, fui correndo, não queria nem olhar pra ver qual ia ser” (MARTINS, 2018, p. 15).

Neste momento, pensa no irmão, que não era X9, morto no lugar de ‘um vacilão’, na mãe, nos vizinhos, na avó e em Jesus Cristo. Num último lance, vira a ‘cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas para continuar revistando os menó’. ‘Passei batido!’ (MARTINS, 2018, p. 16).

Percebe-se que não há mediação no final deste conto, ou seja, nas diferentes condições sociais ou institucionais dos indivíduos. Não resolve as diferenças, não usa um meio-termo para diluir a distância social, e os excluídos ficam à margem, não havendo um ponto de vista, nem possibilidade de absorver a estrutura de garantia dos direitos básicos, que é diferente de um malandro.

4.2 Espiral

A segunda história, “Espiral”, está em nítido contraste com a história de abertura do livro. Se há um narrador em primeira pessoa em “Rolézim”, que usa uma linguagem próxima ao verbal, representando uma das muitas vozes da favela, então “Espiral” também tem um narrador em primeira pessoa, só que desta vez usando a norma culta da língua em sua narrativa. Martins propõe outro “malandro”.

Um narrador anônimo contou sua história novamente, cobrindo vários meses, durante os quais realizou uma espécie de “experimento” social, ao menos curioso. Apesar

das privações inerentes à sua situação social, este jovem estudante leva uma vida pacífica. No início da história, talvez por sua inocência quando jovem, ele não tinha a verdadeira dimensão de sua classe social:

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém (MARTINS, 2018, p. 17).

O trecho acima explica o que o narrador quer estudar na trama: a existência de dois mundos, coexistindo e interagindo de forma tensa. O jovem tem duas vertentes: é inofensivo na escola e na comunidade. Porém, para os alunos de escolas particulares, seu biótipo (obviamente frágil, pois mostra que foi vítima de *bullying* na própria escola), ou comportamento, não é importante, a única coisa que veem é a ameaça caracterizada por sua classe social.

O narrador é morador de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, o que muitos consideram uma vantagem pela localização privilegiada na cidade. No entanto, o narrador destaca um aspecto interessante relacionado à própria intimidade da vida sem privação: é difícil conviver com a desigualdade social desde a frente de um lugar tão perto. A distância física pode ser pequena, porém a distância social é um abismo.

É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, para depois de quinze minutos estar de frente para um condomínio com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros (MARTINS, 2018, p. 18).

Em seguida, o narrador recorreu à “válvula de escape”, uma ferramenta defensiva lançada contra esse ambiente ameaçador (produto de diferentes realidades). Aliás, o termo ameaça é a expressão utilizada pelos moradores privilegiados da Zona Sul ao citar o narrador. Depois, ao longo da história, o mesmo estava determinado a se transformar em personagem, na verdade, esse personagem ameaçava não tirar proveito econômico, mas sim “estudar” a distância entre os dois mundos.

O experimento conduzido pelo jovem incluiu rastrear aqueles que temiam sua existência, além de observar as diferentes intimidações. A perseguição eventualmente se torna uma obsessão, e sua vida perde o significado habitual.

Nem nos livros conseguia me concentrar. Não queria saber se chovia ou fazia sol, se no domingo daria Flamengo ou Fluminense, se Carlos terminou com Jaque, se o cinema estava em promoção. Meus amigos não entendiam. Não podia contar o motivo de minhas ausências, e, aos poucos, fui sentindo que me afastava de gente realmente importante para mim” (MARTINS, 2018, p. 19).

O voyeurismo comentado anteriormente aparece agora de forma oposta, ou seja, é a favela que agora enxerga a classe média alta. Essa fórmula também é usada por outro autor, Marcelino Freire. Em um de seus contos (“Solar dos Príncipes”), Freire inverte o papel do voyeurismo, colocando um grupo de pessoas do Morro do Pavão, localizado na entrada de um condomínio de luxo com o objetivo de filmar o cotidiano de uma família de classe alta.

A ideia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda. Foi assim: comprei uma câmera de terceira mão, marcamos, ensaiamos uns dias. Imagens exclusivas, colhidas na vida da classe média (FREIRE, 2015, p. 24).

Diante do medo do guarda do condomínio, a tentativa falhou. O mesmo ficou assustado e pediu para chamar a polícia. A experiência de mudança de papel e controle de imagem levou ao caos e à violência. A violência na história de Martins é simbólica. O jovem narrador finalmente aperfeiçoou seus métodos de pesquisa e depois transferiu para uma pessoa, um homem, casado com duas filhas, chamado de Mário. Ele percebeu que era impossível estabelecer o contorno completo de sua “cobaia” a partir de observações instantâneas. Por isso, acompanhou Mário por alguns meses nas horas de lazer com a família após o trabalho. O narrador inventou nomes para os personagens do “objeto de estudo”. A perseguição foi se tornando cada vez mais tensa e atingiu seu ápice nos seguintes eventos, que materializam plenamente a violência explicada por Freire:

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri para ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo (MARTINS, 2018, p. 21-22).

A atitude de reação das figuras marginalizadas mostra que esse movimento vem se desenvolvendo e ganhando corpo. Esta nova comunidade artística consegue condenar os abusos sofridos pela sua classe social. Esta crítica veio sem a mesma força na altura (talvez a voz da solidão num mundo ainda longe do virtual). A autora Carolina Maria de Jesus é considerada por Rocha (2007) como uma das pioneiras da “dialética da malandragem”.

Para Rocha (2007), o morador da favela já renunciou a sua passividade e esgotou sua exploração, protagonizando sua própria história: “As pessoas estão cada vez mais insatisfeitas porque os lucros de suas histórias e imagens só podem ser devolvidos a eles de forma homeopática”(ROCHA, 2007, p. 31). Assim foi situação de Carolina: após um grande interesse pelo seu trabalho, ela foi esquecida e voltou à pobreza.

Martins parece conhecer o jogo da elite tanto quanto seus antecessores, fornecendo uma história quase de advertência: se a classe média alta quer tirar vantagem dos pobres, os pobres não continuarão a fazer o papel de malandros, entrando no jogo, tentando se aproximar da elite para buscar algumas vantagens.

5 REFLEXOS DA MALANDRAGEM NA CULTURA BRASILEIRA

Na verdade, do ponto de vista social, o “dialeto da malandragem” sofreu “comentários implacáveis” (SCHWARZ, 1987, p. 152). *A letra escarlate* (1850), composto pelas memórias de Nathaniel Hawthorne, e o *Memórias de um sargento de milícias* tratam de um “mundo inocente”. No primeiro livro, o poder da lei garante internamente a coesão e a consolidação da identidade do grupo, mas, de fora, permite uma barbárie descontrolada. Se você comparar esses dois modelos, há vantagens e desvantagens para ambos. Nesse caso, as vantagens do Brasil não serão prejudicadas pela “internalização da ordem”. Antes de continuar, Schwarz (1987) apontou outro trecho no texto de Candido (1970):

Veja-se igualmente o passo em que o modo de ser brasileiro é reivindicado contra os valores puritanos de que se nutrem as sociedades capitalistas, além de ser concebido como um trunfo para a hipótese de nos integrarmos num mundo mais aberto (socialismo?) (SCHWARZ, 1987, p. 152).

Em torno de apreciação do contexto internacional, as consequências dessa discussão e a conexão entre as formas literárias, estéticas e a realidade histórica, podem abrir mais uma oportunidade para fazer do tema um debate sobre o pouco frequente cumprimento da lei pelos brasileiros.

Como já analisado, o dilema do Brasil advém das oscilações entre o mundo jurídico universal e o mundo das relações pessoais. Essa volatilidade criou um modelo de “navegação social” entre a lei e a “desonestidade total”, “é possível proceder na sociedade, com o cumprimento da ordem absurda, algo típico brasileiro, uma forma ambígua de contornar a maioria das leis e regulamentos sociais (DaMATTA, 1999, p. 103).

O espaço propício à técnica e ao engano é o tema da “argumentação” da “dialética da marginalidade”. O texto analisado rejeita as cláusulas de solução compensatória, como a violência e a desigualdade social, conflito e privação que constituem nosso modo de viver. Nas palavras de Cândido (1970), devemos admitir que o Brasil tem outra imagem da produção cultural e literária brasileira definida pela violência.

Como vimos, o que o conto “Rolezim” expressa é: não tem dinheiro para comprar passagens, o menor vai para a delegacia, sendo que o mesmo acontece se o personagem tiver mais dinheiro ou sem documentos de identificação, deixando a única possibilidade que é fugir da polícia. O irmão do narrador também usa este recurso:

Eu tava correndo quase que nem ele, no desespero. Quase chorei de raiva. Eu sei que o Luiz não era X9, meu irmão nunca ia xisnovar ninguém, morreu foi de bucha, no lugar de um vacilão desses que o mundo tá cheio. Isso sempre me enche de ódio (MARTINS, 2018, p.15).

Temos evidências de discriminação. Quando o ambiente externo é desfavorável, as pessoas já “nascem” rotuladas de “malandros”, ou seja, de ladrão, marginal, privado simplesmente por viverem em comunidades (favelas), devido às situações precárias que lá

se encontram. O depoimento confirma o padrão de exclusão produzido pelo sistema social brasileiro, em que a desigualdade é um padrão estruturado de vida instável no centro das grandes cidades.

6 CONCLUSÃO

Declarações críticas, como “dialética da malandragem”, são combinadas com obras literárias atuais para tentar explicar o escopo do que está escrito. A combinação dessas duas propostas visa enfatizar a necessidade de incluir esses textos em uma gama mais ampla de literatura para evitar que sejam esquecidos e vistos como uma tendência peculiar e temporária por observadores ocasionais dentro de alguns anos. Esse tipo de voyeurismo pode, na verdade, isolar esse tipo de trabalho, resultando em uma “favela” literária.

A controvérsia de incorporar a literatura da malandragem em nossa tradição literária vai além da estética e, em última análise, além dos padrões antropológicos ou culturais. Questionando os padrões claros dos métodos de produção literária e cultural em nome de um novo paradigma crítico e de uma nova metodologia, que reconhece a diversidade dos paradigmas críticos, questionando os clássicos e superando a dialética. Por fim, não há como negar a desigualdade social e suas consequências. A “dialética da malandragem” é uma alternativa para analisar essas desigualdades e criar a superação das condições subjetivas do padrão social brasileiro.

Portanto, conclui-se que no livro *Memórias de um sargento de milícias*, fica claro que a malandragem tinha um papel afetivo com os leitores, mesmo ainda sendo ligado à criminalidade. Porém, com o passar dos anos, houve uma mudança e a malandragem parte do pressuposto de que existe uma relação dialética com a figura do bandido e pode desaparecer.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, Série Bom Livro, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.
- DaMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do brasil**. 2. ed., 20. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. **Revista Letras**, Santa Maria, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. **Pressupostos, salvo engano, de Dialética da Malandragem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TENNINNA, Lucía. **Saraus das periferias de Brasília: uma literatura fora do eixo**. Literatura e periferias. Porto Alegre: Zouk, 2019.

8 REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BOSI, Alfredo; CAPINHA, Graça. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. Literatura e periferia: Considerações a partir do contexto paulistano. Porto Alegre: Zouk, 2019.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.